

O Tupi e o Guarani nos catecismos jesuíticos: uma contribuição aos estudos lexicais das línguas indígenas brasileiras

Tupi and Guarani in Jesuit catechisms: a contribution to lexical studies of Brazilian indigenous languages

Ivana Pereira Ivo¹
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, São Paulo, Brasil

Julia Lima Costa²
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o processo de elaboração lexical nos catecismos, precisamente, sobre as estratégias utilizadas para a tradução das orações da fé católica para o Tupi e para o Guarani Antigos, línguas da família linguística Tupi-Guarani. Na elaboração dos catecismos, foram selecionados termos das línguas indígenas correspondentes ao português, no caso do *Catecismo Brasílico* e ao espanhol, no caso do *Catecismo de la Lengua Guarani*. Além disso, os padres adotaram diferentes estratégias na inserção de novos termos, uma delas, a apropriação e a ressignificação de termos já existentes naquelas línguas. Para a compreensão dos aspectos gramaticais das línguas indígenas, lançamos mão de fontes históricas especializadas da área e da literatura contemporânea, além das descrições das gramáticas jesuíticas, a *Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* e a *Arte de la lengua Guarani*. Os resultados obtidos demonstram as diferentes estratégias usadas pelos jesuítas na elaboração dos catecismos, como a tendência à manutenção de termos da língua europeia, no Catecismo Brasílico, e criação de novos termos *Catecismo de la Lengua Guarani*. Além disso, a comparação específica entre o Guarani Antigo e as variedades contemporâneas faladas no Brasil revelou dados de variação e mudança linguística nas línguas descendentes.

Palavras-chave: Tupi Antigo. Guarani Antigo. Catecismos Jesuíticos.

Abstract: This paper proposes a reflection on the process of linguistic elaboration in catechisms, specifically on the strategies used to translate prayers of the Catholic faith into Tupi and Guarani, languages of the Tupi-Guarani linguistic family. In the elaboration of the catechisms, terms from indigenous languages corresponding to Portuguese were selected, in the case of the *Catecismo Brasílico*, and Spanish, in the case of the *Catecismo de la Lengua Guarani*. In addition, the priests adopted different strategies to insert new terms, including the appropriation and ressignification of terms already existing in those languages. To understand the grammatical aspects of indigenous languages, we used specialized historical sources in the area and contemporary literature, in addition to descriptions of Jesuit grammars, the *Arte de Gramática* of the language most widely used on the coast of Brazil, and the *Arte de la lengua Guarani*. The results obtained demonstrate the different strategies used by the Jesuits in the elaboration of catechisms, such as the tendency to maintain terms from the European language in the Brazilian Catechism and the creation of new terms in the *Catecismo de la Lengua Guarani*. Furthermore, the specific comparison between Old Guarani and the contemporary varieties spoken in Brazil revealed data on variation and linguistic change in the descendant languages.

Keywords: Ancient Tupi. Ancient Guarani. Jesuit Catechisms.

¹ Professora da *Universidade Estadual de Campinas* (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: ivo.ivana@gmail.com.

² Mestranda em Linguística, na *Universidade Federal da Bahia* (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: julialimacosta2@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os portugueses, ao invadirem o território que hoje é o Brasil, encontraram diversos povos indígenas, dentre eles, os povos Tupi³, que povoavam uma ampla área do litoral, de São Vicente, São Paulo, até o atual Estado do Maranhão, como senhores daquelas áreas (Ribeiro, 2006 [1995], p. 28). A designação Tupi não deve ser entendida, entretanto, como sinônimo de homogeneidade, uma vez que designava diferentes grupos (*Tupinambá, Tupiniquim, Tupinayé, Potiguara Tamoio* etc.), falantes de uma mesma língua, que já no período colonial apresentava variação dialetal, como se pode atestar a partir da descrição de Anchieta:

[...] há alguma diferença na pronúncia, e o uso das diversas partes do Brasil será o melhor mestre. Porque desde os *Pitiguares do Paraíba do Norte* até os *Tamoios do Rio de Janeiro* pronunciam inteiros os verbos acabados em consoantes, como: A-páb eu me acabo, a-sém eu saio á-pen eu me quebro, á-iur eu venho. Mas os *Tupis de S. Vicente*, que são além do Rio de Janeiro, nunca pronunciam a última consoante no verbo afirmativo, como: apá em vez de apab, asẽ em vez de asém, apẽ em vez de apén, aú em vez de aúur. [...] (Anchieta, 1990 [1595], fl. 1 -v, destaques das autoras).

Segundo Rodrigues (2002, p. 100), a partir do século XVII, o termo *língua brasílica* ou *língua do Brasil* foi o que se firmou e passou a figurar em diversos documentos. O termo Tupi, segundo Edelweiss (1947), já no século XVI, abarcava um sentido genérico e um específico. Como termo genérico, designava os povos que dominavam a costa, falantes da chamada língua brasílica⁴ e, como termo específico, referia-se à nação indígena de São Vicente, São Paulo. Neste trabalho, utilizaremos o termo genérico *Tupi Antigo* para nos referirmos à língua falada na costa brasileira. A colonização espanhola, por outro lado, encontrou a nação Guarani, também espalhada em diferentes áreas:

[...] os Guarani se estendiam por um grande território que ia da costa atlântica de São Vicente, no Brasil, até à margem direita do rio Paraguai, e desde o sul do Paranapanema e do grande Pantanal, o lago dos Jarayes, até às Ilhas do Delta, próximo a Buenos Aires. Outro numeroso povo Guarani vivia no sopé dos Andes, da nova cidade de Santa Cruz para o sul (Melià, 1992, p. 20)⁵.

Como ocorria com o Tupi, a língua Guarani já apresentava, no período colonial, variação dialetal.

É preciso dizer que a língua Guarani apresentava, já naquela época, numerosas diferenças dialetais, causadas, principalmente, pelos grandes movimentos migratórios que levaram, a

³ Nesse trabalho, adotamos as normas da Associação Brasileira de Antropologia – ABA (1957), que dispensam a flexão de gênero e número nos etnônimos. Além disso, advertimos que os nomes das etnias são grafados com a inicial maiúscula.

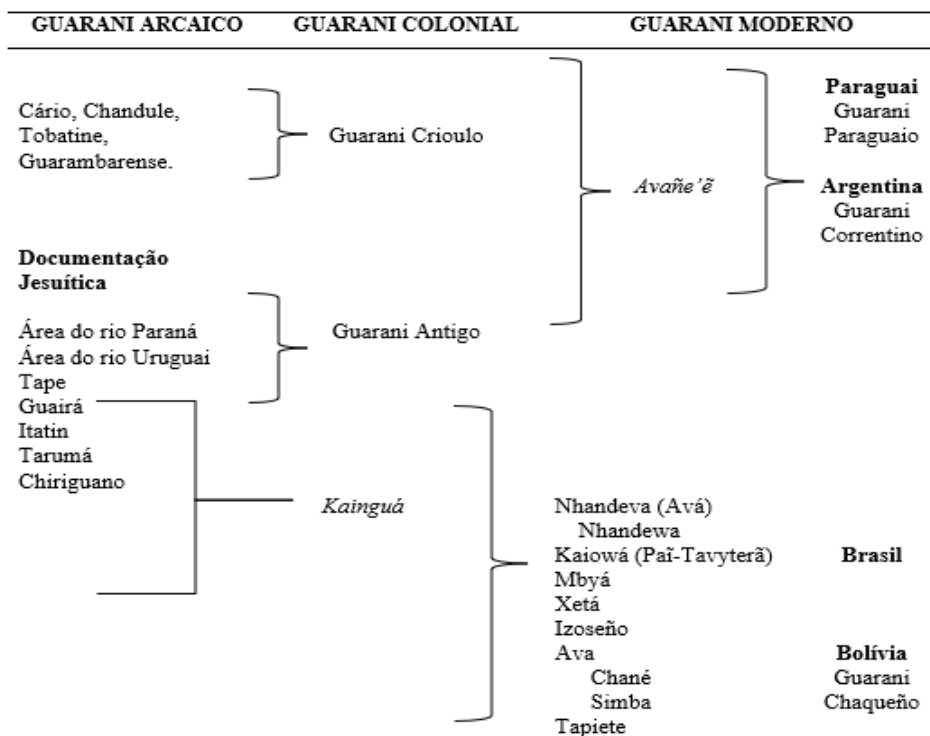
⁴ Ou língua geral do Brasil, pela extensão territorial (Rodrigues, 2002).

⁵ Cf. o trecho original: “[...] os guaraníes se extendían por un vasto território que iba de la costa atlántica de São Vicente, ele l Brasil, hasta la margen derecha del río Paraguay, y desde el sur del Paranapanema y del Gran Pantanal, o lago de los Jarayes, hasta las Islas del Delta, cerca de Buenos Aires. Outro numeroso pueblo guaraní vivía ya em las estribaciones de los Andes, desde la nueva ciudad de Santa Cruz hacia el sur [...]”.

horizontes cada vez mais distantes, os membros dessa família linguística [...]” (Melià, 2003, p. 102, tradução das autoras).

Se pensada como Macro-Língua, o Guaraní pode ser compreendido, segundo Melià (1992, p. 15), como uma “grande metáfora cultural e histórica de um conjunto de povos que encontramos nas bacias subtropicais dos rios Paraná e Uruguai, na América do Sul”. Segundo a proposta de periodização do autor, do Guaraní Arcaico (língua falada pelos primeiros grupos Guaraní contactados) desenvolveu-se o Guaraní crioulo que, como explica Cerno (2013, p. 19), foi a variedade falada pela população mestiça que surgiu da interação entre os espanhóis e o povo Guaraní, nas antigas províncias do Paraguai e Corrientes, do século XVI ao XVIII. Ao longo do tempo, essa variedade foi se distanciando do Guaraní falado pelos indígenas no período colonial. Os denominados *Kaingua*⁷ mantiveram-se mais afastados do processo da colonização, cujos descendentes são os atuais grupos étnicos *Mbyá*, *Kaiowá*, *Nhandeva*, *Nhandewa*, *Xetá*, *Ava*, *Chané*, *Simba* e *Tapiete* (Figura 1):

Figura 1 – A Macro-Língua Guaraní



Fonte: Melià (1992, p. 36), Cerno (2013, p. 19-36), Dietrich (2010) – Adaptado (elaboração própria)

O conjunto das línguas Guaraní foi agrupado por Rodrigues (1958) no subgrupo I da família Tupi-Guaraní, o que foi posteriormente atualizado em Rodrigues (2011, p. 237-238). Dietrich (2010) propôs a composição do chamado Guaraní meridional, elencando oito línguas

⁶ Cf. o trecho original: “Hay que decir que el idioma guaraní presentaba ya en aquella época numerosas diferencias dialectales, causadas principalmente por los grandes movimientos migratorios que llevarán hacia horizontes cada vez más lejanos a los miembros de esa familia lingüística [...]”

⁷ *Kaingua*: *ka'a* ‘mata, selva’ + *ygua* ‘gentílico’

integrantes, o Guarani Antigo⁸, o *Avá/Nhandeva*, o *Kaioná*, o Guarani Paraguaio, o *Mbyá*, o *Xetá*⁹, o Guarani do Chaco¹⁰ e o *Tapiete*¹¹, com uma distinção única, a exclusão do *Guayaki*.

Os grupos Guarani habitavam ampla faixa litorânea que se estendia de Cananeia, atual Estado de São Paulo até a Lagoa dos Patos, atual Rio Grande do Sul, além das terras ribeirinhas do rio Paraguai (cf. Proença Filho, 2017, p. 39). Ao povoarem as terras mais temperadas e frias, os povos Guarani dedicaram-se ao cultivo do milho, da mandioca doce, da batata-doce, das abóboras e dos diferentes tipos de feijão (Melià, 1992, p. 19), além do cultivo da erva mate. Os Tupi, além de viverem da pesca, cultivavam a mandioca amarga, milho, batata-doce, cará, feijão, amendoim, tabaco, abóbora, urucum, algodão, pimentas, abacaxi e outras tantas plantas (Ribeiro (2006 [1995], p. 28), com destacada habilidade no fabrico de artefatos de cerâmica e utensílios, como aqueles apropriados para retirar o veneno ácido da mandioca, fazendo-a, assim, própria para o consumo e para a produção da farinha e do *mbeju*, chamado pelos europeus de o ‘o pão da terra’.

Os povos Tupi e Guarani receberam, igualmente, acentuado investimento da catequese e, conforme esclarece Almeida (2003, p. 81), a partir do Terceiro Concílio de Lima ficou estabelecido que as orações e os catecismos deveriam ser escritos nas línguas indígenas mais usadas em cada localidade. No caso do Brasil, foram produzidos catecismos no Tupi Antigo e em duas variedades *Kiriri: Kiriri-Kipeá* e *Kiriri-Dzubukúá*. Na então Província do Paraguai, a língua escolhida foi o Guarani.

A literatura especializada da área tem demonstrado, ao longo dos anos, a grande aproximação entre as línguas Tupi e Guarani, o que possibilitou, por exemplo, aos recém-chegados missionários da Província Paraguaia, o uso da gramática do padre Anchieta, em Tupi Antigo, como menciona Melià (2003, p. 82):

Uma carta do padre Pero Rodríguez de 7 de maio de 1597 dá a entender que no Paraguai se usa a gramática de Anchieta, assim como os catecismos brasileiros, para ensinar a doutrina cristã aos índios de Tucumán, Rio da Prata e terras vizinhas ao Brasil¹² (tradução das autoras).

O registro escrito do Tupi e do Guarani Antigos, ainda no período colonial, foi feito pelos padres jesuítas, com algumas intuições linguísticas confirmadas posteriormente em diversos estudos contemporâneos. Além das gramáticas descritivas, naturalmente inspiradas nos modelos das gramáticas latinas, a elaboração dos catecismos, por seu caráter e objetivos particulares, contou com a inserção de novos termos, precisamente a incorporação de léxico religioso (pecado, inferno, tentação e outros) e, também, a apropriação e ressignificação de terminologias indígenas. Não pretendemos apresentar qualquer reflexão sobre o mérito das obras voltadas para a catequese. Interessa-nos, essencialmente, o olhar sobre as duas línguas, procurando observar, a partir dos dados escritos, três aspectos: 1. As estratégias linguísticas utilizadas pelos padres na criação e incorporação dos neologismos, 2. Aspectos comparativos entre as duas línguas e 3. Aspectos culturais articulados na elaboração dos catecismos.

Metodologicamente, para o desenvolvimento da análise linguística aqui apresentada, foram selecionadas duas orações: o Sinal da Cruz e o Pai Nosso, extraídas da obra atribuída ao

⁸ Descrições escritas pelos jesuítas, a partir das variedades faladas nas Reduções entre 1640 e 1767.

⁹ Segundo Dietrich (2010), havia apenas 3 falantes deste grupo étnico no Paraná, em um total de 82 pessoas distribuídas em 20 famílias.

¹⁰ Bolívia e Argentina.

¹¹ Bolívia e Argentina.

¹² Cf. o trecho original: Una carta del padre Pero Rodríguez, del 7 de mayo de 1597 da a entender que en el Paraguay se usa la gramática de Anchieta, así como los catecismos brasileños, para enseñar la doctrina cristiana a los indios de Tucumán, Río de la Plata y tierras vecinas al Brasil.

padre José de Anchieta, S.J., *Doutrina Cristã*. Tomo 1: *Catecismo Brasílico* (1992 [1686]), em Tupi Antigo, e da obra do padre Antonio Ruiz de Montoya, S.J., o *Catecismo de la Lengua Guarani* (2011 [1640]), em Guarani Antigo, e adotados os seguintes passos: 1. descrição das sentenças por meio das glosas interlineares, aplicando-se a regra morfema-a-morfema, tal como apresentada em *Leipzig Glossing Rules* (Bickel; Comrie e Haspelmath, 2015), com o intuito de apresentar os sentidos e propriedades gramaticais das palavras ou de partes delas, fazer um levantamento lexical, para fins comparativos entre as duas línguas e apresentar breve reflexão sobre aspectos linguísticos e culturais presentes nas orações.

2 O CATECISMO EM TUPI ANTIGO

O padre Armando Cardoso, nos capítulos introdutórios da obra *Doutrina Cristã* (1992 [1618]), discorre a respeito da organização da *Doutrina Cristã* na língua Tupi, que começa a ser escrita em 1549, pelos jesuítas. Com a ajuda de Diogo Álvares, o Caramuru, João de Azpilcueta Navarro e Vicente Rodrigues, deu-se início à tradução de alguns elementos fundamentais para a catequese, como a oração do Pai Nosso, os artigos da fé, os mandamentos etc. Posteriormente, em 1551, esse esboço foi revisado, com o auxílio de Francisco Bruza de Espinosa, acrescentando-se trechos do Antigo e Novo Testamentos, assim como sermões do juízo, da morte, do inferno e do paraíso. Com o passar dos anos, esses escritos foram difundidos, revisados e acrescentados pelos chamados 'línguas', falantes do Tupi Antigo. Cardoso (1992) enfatiza, o papel proeminente do padre José de Anchieta na elaboração do catecismo:

Maior que todos esses foi de fato o Ir. José de Anchieta, dos poucos que tinham estudado gramática e letras superiores: chegado à Bahia em julho de 1553, viera para S. Vicente no fim desse ano, e provavelmente se encontrara na viagem com o P. Navarro ou seus escritos. Já bem antes de 1555, tinha na cabeça as principais regras da gramática tupi, que por mandado de Nóbrega pôs logo por escrito, e o Provincial levou para o norte, junto com as orações revisadas e certamente com as duas e mais necessárias *Instruções in Extremis e de Catecúmenos*, primeiras obras de Anchieta em tupi, compostas em favor de seus alunos missionários (Cardoso, 1992, p. 26).

Cardoso (1992) apresenta os quatro códices atribuídos a Anchieta, o primeiro, o *Catechismo in Brasiliano*, posteriormente chamado de *Diálogo da Fé* ou *das Coisas da Fé*. O segundo, um documento de 13 folhas que precedem a um conjunto de 25 poesias de Anchieta, intitulado *El Canarino del Cielo*, autógrafa chamado de *Doutrina do V. Padre Joseph de Anchieta/ Escrita de sua mesma Letra*. Sobre o terceiro e quarto códices, o padre explica:

O 3º e 4º códice é uma e mesma obra, sendo o 3º cópia do autógrafa primitivo, hoje perdido; sem título próprio, guarda-se no Arquivo Romano (ARSI opp. NN. 22). O 4º, que se encontra no arquivo da Postulação (APGSI nº 24 a. 1730), foi copiado do 3º por ótimo clígrafo e mandado a Roma para exame dos escritos em vista da beatificação. Este 4º recebeu título em italiano *Catechismo in lingua Brasiliana/del V. Anchieta*. Esta cópia mais caligráfica apresenta um prólogo precioso P. D. Da Cunha, tradutor oficial dos textos tupis. A ambas as cópias chamamos, de acordo também com os dois biógrafos contemporâneos, com o título de *Doutrina Cristã* (Cardoso, 1992, p. 19).

Cardoso (1992) esclarece, ainda, que o documento: *Doutrina Cristã*, com os diálogos de Anchieta, foi aprovado em 1594 juntamente com a Arte da Gramática de Anchieta, que foi impressa em 1595. *Doutrina Cristã*, no entanto, não chegou a ser impressa. Segundo o autor, foi o Pe. Antônio de Araújo quem conseguiu imprimir a obra em 1618, por ele denominada de *Catecismo na Língua Brasileira*. Posteriormente, em 1686, foi feita uma 2ª edição pelo Pe. Bartolomeu de Leão, retirando alguns acréscimos de Antônio de Araújo e atualizando a linguagem e a grafia (Cardoso, 1992, p. 39).

Sobre a divisão das seções da *Doutrina Cristã*, o Pe. Armando Cardoso afirma que essa obra é iniciada pela *Instrução in Extremis* e pelas *Orações e Enunciados breves*. Em seguida, há o *Diálogo da Doutrina Cristã ou Suma da fé*, os *Preâmbulos*, como o Nome do Cristão, Sinal da Cruz, Invocação do Nome de Jesus e dos Santos e a *Breve Instrução das Coisas da Fé*. Por fim, os *Diálogos dos Sacramentos* e o *Confessionário Brasileiro*, com duas exortações, encerram a *Doutrina Cristã* ou, como intitulado pelo Pe. Araújo, o *Catecismo na Língua Brasileira*. Segundo Cardoso (1992), a *Instrução in Extremis* foi colocada antes das orações pela praticidade e por ter sido uma das primeiras obras do Pe. Anchieta em Tupi. Essa seção corresponde a seis explicações sobre o conhecimento necessário antecedente ao batismo, seguidas de perguntas e respostas. As *Orações e Enunciados breves* são compostos pelas orações principais, como Pai Nosso, Ave-maria etc., e os Artigos da Fé e Enunciados breves, como os mandamentos de Deus, da Igreja, Pecados e virtudes, dentre outros.

As seções seguintes da obra, como o *Diálogo da Doutrina Cristã*, que corresponde a um compêndio composto pelas verdades da fé, são divididas em perguntas e respostas entre o mestre e o discípulo. Os *Diálogos dos Preâmbulos* são três: o Nome do Cristão, o Sinal da Cruz e a Invocação do Nome de Jesus e dos Santos. A *Breve Instrução das Coisas da Fé*, escrita em prosa, explica, de forma breve, assuntos como Deus e sua natureza, a Santíssima Trindade, dentre outros. Os *Diálogos dos Sacramentos* são perguntas e respostas sobre o batismo, a confissão, o matrimônio etc. e, finalmente, o *Confessionário Brasileiro*, que possui exortações para o ensino e percorre os mandamentos da lei de Deus e da igreja.

No processo de beatificação do padre Anchieta, em 1728, foram solicitados, por parte de Roma, os escritos de Anchieta. O Arcebispo de Salvador, D. Luís Álvares de Figueiredo, enviou os documentos, acompanhando-os de carta datada de 28 de agosto de 1730, na qual, afirmava José de Anchieta como autor do Catecismo. Abaixo, trecho apresentado pelo padre Cardoso:

E só me resta certificar VV.EE. de que o Catecismo Brasileiro impresso, que também estou enviando, completado pelo Padre Antônio de Araújo e, em segunda edição, corrigido pelo Padre Bartolomeu de Leão, é considerado por todos os Padres mais antigos da Companhia, por tradição ininterrupta, como sendo o mesmo que teve origem do Venerável Servo de Deus, Padre José de Anchieta (Cardoso, 1992, p. 41)

3 O CATECISMO DO GUARANI ANTIGO

O *Catecismo de la lengua Guarani* é uma obra bilíngue (Guarani e Espanhol), composto por orações, preceitos e por um conjunto de perguntas e respostas relacionadas à religião católica. Segundo Melià (1992), o *Catecismo breve do Concílio de Lima*, traduzido por Luís Bolaños criou as bases para o sistema gráfico Guarani, o que foi adotado e aprimorado por Montoya. De acordo com Melià (2011), é provável que Montoya tenha começado a elaboração do *Catecismo* quando estava no Guairá e que a produção desse trabalho já estivesse avançada desde 1616, quando o padre estava produzindo a *Arte y Vocabulario*. Melià (2011) afirma que não há exagero em dizer

que o seu *Catecismo* foi fruto de trinta anos de experiência catequética. De todo modo, o texto definitivo, visto e examinado por peritos da língua Guarani, tanto jesuítas, quanto pessoas de fora, foi aprovado por Diego de Boroa, em Buenos Aires, no dia 4 de outubro de 1637, quando Montoya estava em Madri.

Antonio Ruiz de Montoya nasceu em Lima, no Peru, em 13 de junho de 1585 e ingressou na Companhia de Jesus em 1606, tendo sido ordenado padre em *Santiago del Estero*, tornando-se jesuíta em 1611.

No ano de sua ordenação, chega a Asunción del Paraguay com a motivação de seguir para à Missão do Guairá e assim, começam seus primeiros estudos sobre o conhecimento da teoria, normas e regras gramaticais. Depois do Guairá, durante vários anos, desenvolve suas missões itinerantes, realizando batizados e celebrando missas. Foi na redução de Nossa Senhora de Loreto que Montoya trabalhou em sua obra linguística “*Tesoro de la lengua Guarani*”, considerado o primeiro dicionário dessa língua e que o consagra como linguista; foi editado pela primeira vez no ano de 1639, quando estava em Madri, mas que remete a 30 anos de convivência com os indígenas (Monteiro, 2012, p. 4).

Segundo Melià (2011), a edição da obra linguística de Montoya encontrou algumas dificuldades relacionadas à publicação dos livros em Guarani, uma língua então desconhecida nas editoras de Madri. Contudo, Montoya conseguiu imprimir as suas obras. O *Tesoro* e a *Arte y Bocabulario* foram impressos por Juan Sánchez e o *Catecismo*, por Diego Díaz. No *Catecismo*, segundo Melià (2011), as erratas foram mais frequentes e numerosas, mas sua diagramação é clara e didática. No mesmo ano da edição e da impressão das obras, Montoya enviou uma remessa desses livros para Lisboa. Esses exemplares, entretanto, se perderam, tendo em vista a revolta que acontecia naquela época e que pôs fim a união das Coroas da Espanha e de Portugal. O autor explica que Montoya não conseguiu introduzir, por si mesmo, o *Catecismo* no Paraguai, pois durante uma viagem à Lima, para resolver algumas diligências necessárias junto ao vice-rei, faleceu, em 11 de abril de 1652, sem que conseguisse realizar a sua desejada viagem de retorno ao Paraguai. No entanto, alguns exemplares do *Catecismo* chegaram ao Paraguai e aos seus destinatários, os missionários e os Guarani. Essas obras ficaram em muitas bibliotecas das reduções, como atestam os inventários localizados quando da expulsão dos jesuítas, em 1768.

Melià (2011) apresenta a estrutura do catecismo, explicando que os primeiros vinte capítulos do *Catecismo de la Lengua Guaraní*, Montoya (1640) apresentam as orações principais (Pai Nosso, Ave Maria, Pelo Sinal da Santa Cruz, Credo e Salve Rainha) e as outras partes da doutrina cristã, como os mandamentos da lei de Deus e da Igreja, os artigos da fé, os sacramentos etc. Os últimos capítulos do *Catecismo* tratam de questões relacionadas à santificação cristã e se apoiam na ética racional: obras de misericórdia, pecados e virtudes, potências da alma, sentidos corporais, dons e frutos do Espírito Santo, e por fim, uma breve explicação das bem-aventuranças evangélicas (Melià, 2011).

Os capítulos XXI e XXII correspondem a um pequeno catecismo: o *del Santísimo Sacramento* e o *Breve para rudos y ocupados*. Em seguida, a obra apresenta *Cuatro tratados provechosos para alcanzar la virtude* e uma *Admonición para antes de la Comunió*. Logo após, seguem-se três exortações: *Admonición para los desposados*, *Para administrar el Viático* e *Exhortación para administrar la Extrema Unción*, destinadas a explicar o sentido do sacramento e exortar àqueles que o recebem. Nas páginas subsequentes, Montoya (2011[1640]) apresenta o *Confessionario* e, também, *Algunos ejercicios de deuocion*, que descrevem as condutas habituais que o povo deveria ter. Por fim, as *Letanías de Nuestra Señora* e duas orações bem conhecidas e populares na Espanha: *Salutación a Nuestra Señora* e *Oración al Santo Sudario*. Posteriormente, aparecem no *Catecismo* as *Fiestas que tiene obligación de guardar los Indios* e os *Ayunos de los Indios*, que fariam parte dos novos costumes dos que se

convertessem e, na última parte, os *Nombres de Parentesco*, obra original e única de Montoya (1640), o *Modo de publicar los que se han de casar*, *Palabras con que se reciben*, *Después de la Misa de las Velaciones*, *se les dirá assí*, concluindo com um *Acto de Contrición*.

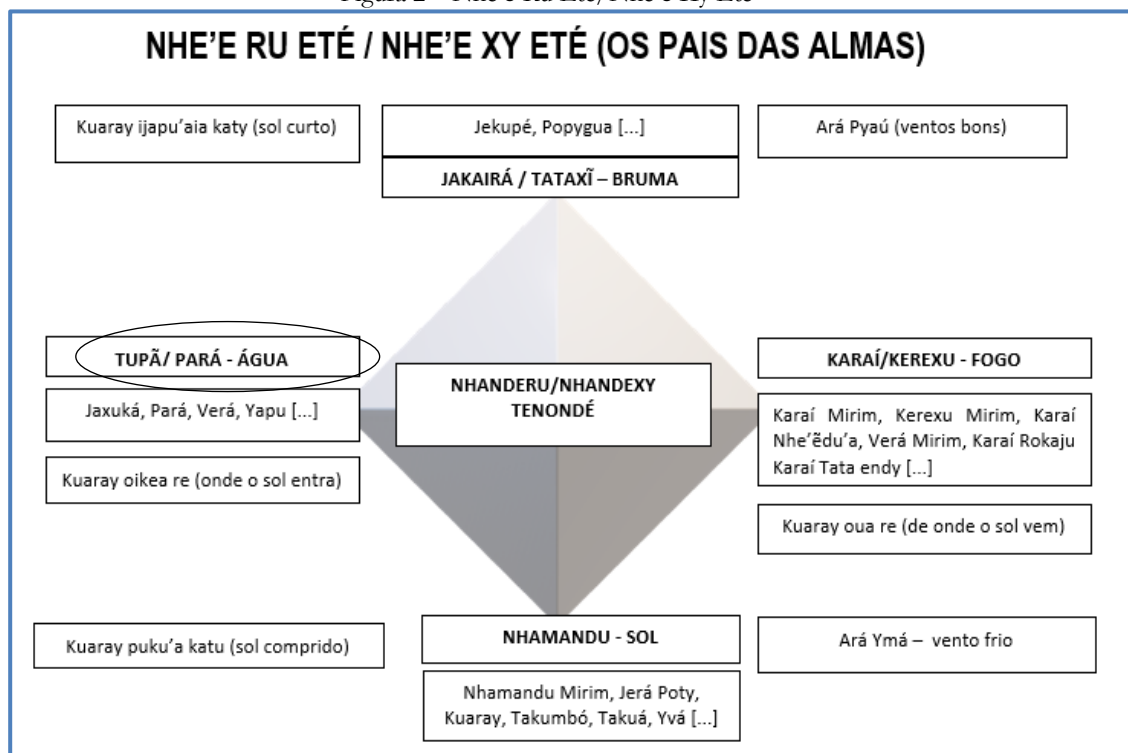
4 LÍNGUA E CULTURA NA ELABORAÇÃO DOS CATECISMOS

Como já mencionado, na elaboração dos catecismos, uma das estratégias foi a apropriação e ressignificação de elementos culturais e linguísticos dos povos indígenas, tendo como fim a expansão da fé católica. Os missionários usaram diversas estratégias a fim de adaptarem os termos da fé ocidental às línguas indígenas. Foram criados neologismos como pecado, na língua Guaraní (*angaipava*), um composto, explicado por Chamorro (2009):

Angaipa é uma expressão composta de ãng-a 'alma' e pa.b 'acabar'. Esse provável neologismo carrega o significado de 'esvair-se a alma/palavra'. Com esse nome, Bolaños, Anchieta e Montoya traduziram para a língua indígena o termo 'pecado'. Com angaipa, eles deram conta de passar à língua indígena a taxonomia católica dessa categoria teológica (Chamorro, 2009, p. 113)

Além disso, foram compostas expressões para a inserção dos novos conceitos, como *Tupã* *ÿy* 'Mãe de Deus' etc. Para comentar apenas um desses termos, consideremos o nome *Tupã* 'Deus'. Para os *Guarani-Mbyá*, *Tupã* é uma das divindades localizadas nos domínios da Terra. As almas, segundo os *Mbyá*, pertencem a um desses domínios, de onde veêm seus nomes próprios, revelados na infância, em cerimônia específica para esse fim. As posições de donos ou senhores são correlatas aos domínios, o senhor/dono da chama é o domínio de *Karai* (*Karai Tataendy Ja*), o senhor/dono da bruma é o domínio de *Jakairá* (*Jakaira Tataxĩ Ja*) e o senhor/dono das grandes águas é o domínio de *Tupã* (*Tupã Paraguaxu Ja*). Para os *Mbyá*, o domínio de *Tupã*, juntamente com *Pará*, é o das águas, situado do lado Oeste, onde o sol se põe (Cadogan, 1997, p. 60). Para os *Apapokúva*, igualmente, "o domínio do herói cultural *Nbanderykey* é o zênite; no oriente fica o domínio de *Nhandesy*; e o ocidente é o domínio de *Tupã* (Borges, 1998, p. 23-24). Segundo Pierri (2018, p. 119), "cada uma dessas divindades é qualificada como *ru ete* (pai verdadeiro): *Jakaira Ru Ete*, *Nhamandu Ru Ete*, *Tupã Ru Ete*, porque é de suas moradas que são enviadas as almas dos Guaraní para viverem nesta terra". Apresentamos, abaixo, uma elaboração do modelo cosmológico *Mbyá*, conforme explicação e revisão da professora *Mbyá*, Simone *Jaxuka Yvoty*:

Figura 2 – Nhe'ẽ Ru Eté/Nhe'ẽ Xy Eté¹³



Fontes: Cadogan (1997 [1959]), Borges (1998); Pierri (2018); Ladeira (2008); Karáí Nhe'ery (2020) (Adaptado)

A apropriação do nome *Tupã*, na elaboração do catecismo, pois, é uma ressignificação de um tempo, para que fosse introduzido o conceito de um Deus trino, manifesto como Pai, Filho e Espírito Santo, sendo *Tupã*, o Filho (Cf. Cadogan (1997 [1959], p. 62-63).

Passemos à análise das orações, a fim de observarmos outros mecanismos linguísticos. Apresentamos, sequencialmente, a oração, a análise em glosas, o levantamento lexical e reflexões sobre a análise desenvolvida. Inicialmente, o Sinal da Cruz:

¹³ Elaborado pelas Professoras Ivana P. Ivo e Simone *Jaxuka Yvoty*.

Tupi Antigo

Santa Cruz raangába resé,
oré pysyrô jepé, Tupã oré Jár,
oré amotareymbára suí
Túba, Taýra, Espírito Santo réra pupé
Amém, Jesú!

Pelo sinal da Santa Cruz
livra-nos tu, Deus nosso Senhor
dos nossos inimigos.
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo
Amém, Jesus!

(Anchieta, 1992 [1686], p. 139)

Guarani Antigo¹⁴

Santa Cruz, raângába rehé
Ore âmotareymbára guí ore piçiro epê
Tû
Tupã Ore Yára
Túba, hae Taíra, hae *Esprítu fânto* rera piçé
Amen Iefus!
(Montoya, 2011 [1640], p. 49-50)

Por la feñal de la fânta Cruz,
de nuefros enemigos libranos Señor,
A Dios
Dios nuefiro
En el nombre del Padre, y del Hijo, y del Esprítu fânto
Amen Iefus.

5 GLOSAS INTELINÉARES¹⁵

TUPI ANTIGO

Santa cruz raângába resé

santa cruz	r-	-aângáb	-a	resé
	REL	sinal	NMLZ	POSP- LOC – por

‘(pelo) sinal da santa cruz’

ore¹⁶ piçiro jepé, Tupã oré Jár

ore-	piçiro	iepe	Tupã	ore-	jar
1PE.INATIV.	livrar	CONJ.CONS.		1PE.INATIV.	senhor, dono

‘Nos livra Tupã, nosso senhor’

¹⁴ Transliteração do Guaraní Paraguai: “Santa Cruz ra’ângava rehe âmotare’ymbáragui ore pysyrô epe. Tupã Ore jára Túva, há’e Taíra, há’e Espíritu Santo réra pype. Amén Jesús” (Montoya, 2011 [1640], p. 49).

¹⁵ Neste trabalho, utilizamos as seguintes abreviaturas na elaboração das glosas: 1SG. ATIV. = 1ª pessoa singular paradigma ativo; 1SG. INATIV. = 1ª pessoa singular paradigma inativo; 2SG. ATIV. = 2ª pessoa singular paradigma ativo; 2SG. INATIV. = 2ª pessoa singular paradigma inativo; 3SG. ATIV. = 3ª pessoa singular paradigma ativo; 3SG. INATIV. = 3ª pessoa singular paradigma inativo; 1PE. ATIV. = 1ª pessoa plural exclusiva-paradigma ativo; 1PE. INATIV. = 1ª pessoa plural exclusiva-paradigma inativo.; 1PL. ATIV. = 1ª pessoa plural inclusiva-paradigma ativo; 1PL. INATIV. = 1ª pessoa plural inclusiva-paradigma inativo; REL = prefixo relacional; NMLZ = nominalizador; NMLZ.OR. = nominalizador oracional; PART.MOD = partícula modal; NEG = negativo; POSP = posposição; PTCP = particípio; NPOSS = não posse; POSP-LOC = posposição locativa (fonte/origem, lugar, meio etc.); CAUS.INT. = causativo-predicados intransitivos; CAUS.TR. = causativo-predicados transitivos; INTS = intensificador; RES = resultativo; OPT = optativo; REFL = reflexivo; EQU = equivalente; IMP = imperativo; DAT = dativo; DEM = pronome demonstrativo; OBL = oblíquo; OB. GEN. = objeto genérico (não especificado); FUT.IM. = futuro imediato; LOC = locativo; CMPR = comparativo; ADVRS = conjunção adversativa; CONJ.CONS. = conjunção concessiva.

¹⁶ O Tupi e o Guaraní especificam a 1ª pessoa plural conforme o critério de inclusão/exclusão. O uso da 1ª pessoa plural inclusiva revela que o falante incluiu o seu interlocutor, e o uso da 1ª pessoa plural exclusiva revela que o falante não incluiu o seu interlocutor.

ore amotareỹmbára sui

ore- -ãmõta r- -eỹ mbára¹⁷ sui¹⁸
1PE.INATIV. gostar REL NEG PTCP POSP-LOC - origem
'Dos nossos inimigos'

Túba, Taýra, Espírito Santo réra- pupé

t¹⁹- -úb -a t- -aỹ²⁰ r- -a Espírito santo r- -éra pupé
NPOSS pai NMLZ NPOSS filho REL NMLZ REL nome POSP-LOC
'Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo'

Amen Iefú

GUARANI ANTIGO

santa cruz râângába rehé

santa cruz r- -rângáb rehé
REL sinal²¹ NMLZ POSP- LOC - por
'(pelo) o sinal da santa cruz'

oreãmõta reỹmbá raguí

ore- ãmõta r- -eỹ mbára guí
1PE.INATIV. gostar REL NEG PTCP POSP-LOC
'Dos nossos inimigos'

oreĩ çĩrõ epê

ore- piçĩrõ jepê
1PE.ATIV. livrar CONJ.CONS.
'Nos livra'

Tú

T- -ú
NPOSS pai
Pai

¹⁷Segundo Barbosa (1956, p. 259-260), "Junta-se (*s*)*aru* ao tema do verbo [...]. Se termina *em m*, junta-se-lhe *b* e cai o *s*: *tym tym-bara*: o que enterra". (destaques do autor)

¹⁸ *amotar-eym-bara*: inimigo (Barbosa, 1956, p. 262)

¹⁹ Na língua Guarani um grupo de lexemas que podem ocorrer com três tipos de prefixos relacionais: {r-}, {t-} e {h-}. A forma {r-} ocorre quando o possuidor não é expresso com um pronome de 3ª pessoa (xer-ova 'meu rosto'), {h-} quando o possuidor é expresso com um pronome de 3ª pessoa (h-ova 'o rosto dele(a)) e {t-} ocorre para indicar uma referência absoluta, uma 'não posse' (t-ova 'rosto'). Estigarribia (2017), que assume essa interpretação, glosa o prefixo t- como NPOSSM "non-possessum". O pesquisador explica que o termo 'absolutivo' pode ser confundido com a terminologia ergativa ("absolutivo", abs). Além disso, o termo 'impessoal', usado por alguns especialistas, por ser um termo técnico utilizado para verbos ou construções sem sujeito referencial ou determinado, pode também confundir a sua função. Assumimos a mesma interpretação do autor, como a que propõe Cerno (2013), que interpreta as formas {r-}, {t-} e {h-} como prefixos, com funções específicas e não como variantes alomórficas, como interpretam outros especialistas da língua Guarani, uma vez que variantes alomórficas deveriam manter constantes os significados morfossintáticos, quando se sabe que a alternância entre os usos de {r-}, {t-} ou {h-} produzem diferentes significados morfossintáticos. (Cf. Estigarribia (2017, p. 27); Cerno (2013, p. 109). Para o morfema {t-}, utilizaremos a glosa NPOSS = 'não posse'.

²⁰ Termo próprio do ego masculino.

²¹ Termo também usado para desenho, cópia, imagem etc.

Tupã Oreyára

Tupã ore- yára
1PE.INATIV. senhor, dono
‘Tupã nosso senhor’

Túba, hae Taira, hae Espírito fanto rera pĩpé

T- -úb -a hae t- -air -a hae Espírito fanto r- -era pĩpé
NPOSS pai NMLZ e NPOSS filho NMLZ e REL nome POSP-LOC
‘Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’

Amen Iefus.

Amém Jesus

Quadro 1 – Léxico Tupi e Guarani Antigos

LÍNGUAS	LÉXICO	SENTIDO	FONTE
TA	aangáb	‘desenho’, ‘imagem’, ‘retrato’ etc.	Cadogan, 1997, p. 61
GU	aangáb		Pierri (2018, p. 103-117)
TA	resé	‘por’	Barbosa (1956, p. 227)
GU	rehé		Estigarríbia (2017, p. 60)
TA	pysyrõ	‘livrar’, ‘salvar’	Barbosa (1967, p. 135)
GU	piçirõ		Montoya (2011 [1639], p. 471)
TA	jepé	conjunção concessiva: embora ²²	Barbosa (1967, p. 77)
GU	(j)epê		Montoya (2011 [1639], p. 209)
TA	jár	‘dono’, ‘senhor’	Barbosa (1967, p. 74)
GU	yára		Montoya (2011 [1639], p. 201)
TA	amotareymbára	‘inimigo’	Barbosa (1967, p. 27)
GU	amotareymbára		Montoya (2011 [1639], p. 38)
TA	-úba	‘pai’	Barbosa (1967, p. 155)
GU	-úba		Montoya (2011 [1639], p. 592)
TA	-áyra	‘filho’ (ego masculino)	Barbosa (1967, p. 39)
GU	-áyra		Montoya (2011 [1639], p. 537)

Fonte: elaboração própria

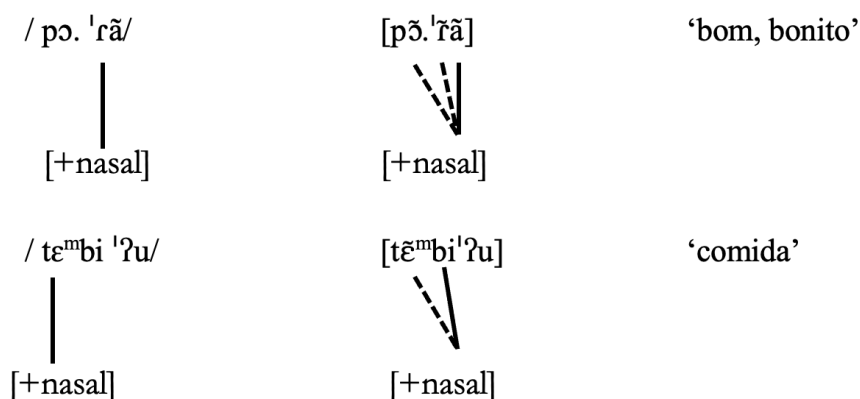
O léxico acima apresentado confirma a enorme aproximação entre as duas línguas, ainda que a escrita adotada divirja em alguns detalhes. Nos termos usados para inimigo é *-ãmõla reỹmbá*, no Guarani²³ e *amotareỹmbára*, no Tupi, há um processo fonológico bastante produtivo nessas línguas. Os padres utilizam a forma do particípio *mbá*, no Guarani, e *mbára*, no Tupi. Como apresentado em nota, acima, Barbosa (1956, p. 262) explica que a forma *(s)ára* ‘particípio’ se torna *(m)bara*, quando antecedida por uma palavra terminada em *m*: “junta-se-lhe b e cai o s: *tym tym-bara*: o que enterra”, uma nasalização à direita, disparada pela partícula de negação *eỹ*, ou seja, pelo processo hoje descrito como harmonia nasal, por meio do qual segmentos vozeados

²² jepe: além de ocorrer após o verbo, com a função de modalizar o sentido de conseguir algo, superar algo, modifica a oração subordinada com a função de conjunção concessiva (embora, ainda que etc.)

²³ No *Tesoro de la Lengua Guarani*, Montoya (2011 [1639], p. 38), apresenta as formas *amboatareỹ*, *amotareỹ*, *amotareỹmbára* e *amotareỹhára* com o sentido de ‘inimigo’

compartilham a nasalidade com segmentos vizinhos, sejam vogais ou consoantes. No Guarani, por exemplo, os fonemas soantes, tanto [- cont] como [+ cont] participam dos processos de espalhamento nasal – as vogais tônicas participam do processo como disparadoras do processo, enquanto as átonas são alvos como qualquer outro som soante. Os fonemas obstruintes são todos transparentes aos processos de espalhamento nasal, quando à esquerda de sons nasais (consoantes ou vogais) (Cf. Ivo, 2018).

Segundo Costa (2007, p. 57): “A presença fonética da nasalidade significa, antes de mais nada, presença fonológica de soanticidade, ou seja, de vozeamento espontâneo. A nasalidade é o artifício que a língua usa para conseguir a soanticidade”. A língua Guarani, pois, utiliza as características que distinguem *soantes* de *obstruintes* para implementar um processo de harmonia nasal que contribui à delimitação da palavra fonológica, uma vez que o processo se estende de uma raiz verbal a um objeto incorporado, aos prefixos pessoais e aos afixos de negação, do mesmo modo que opera na junção de raízes nominais em processos de composição. Ivo (2018, p. 255-257) apresenta as duas fontes de nasalidade na língua Guarani, a que se inicia nas vogais tônicas finais (subjacentes ou explicadas historicamente a partir das reconhecidas quedas das codas consonantais) e a que se inicia com as consoantes pré-nasalizadas:



No entanto, quando a fonte de nasalidade é a vogal tônica final, envolvida em processos morfofonológicos, especificamente, nos casos em que o primeiro segmento do morfema incorporado seja uma obstruinte surda, a obstruinte é vozeada e recebe a margem nasal, uma vez que obstruintes surdas não são especificadas para a nasalização: {*peŋ*} ‘fumo’ + {-*ku*} ‘buraco’ = *peŋku* [pɔ], tẽ^mŋwa ‘cachimbo’ (Ivo, 2018, p. 269). Observamos, assim, que o espalhamento da nasalidade foi registrado desde as primeiras descrições, processo ativo nas línguas descendentes contemporâneas.

Observamos ainda que o Tupi e o Guarani Antigos são línguas do tipo núcleo final, o que explica o uso das posposições. No nível oracional, são possíveis as ordens SOV ou SVO, como se pode ver nos exemplos: TA: Oré pysyrõ jepé Tupã oré Jár, oré amotareymbára suí ‘Nos livra, Tupã, nosso Senhor, dos nossos inimigos’. GU: Ore ãmôta reŋmbára guí ore piçiro epê. ‘Dos nossos inimigos, nos livra [...]

Passemos à oração do Pai Nosso,

Tupi Antigo

Ore Rúb, ybákype tekoár
imoetepýramo nde réra toikó
Touír nde *reino!*
Toñemoñáng nde remimotára
ybýpe ybákype ñemoñánga jabé!
Oré remiú ára jabiõnduára
Eimeéng kory orébe
Nde ñyrõ ore angaipába resé orébe
Oré rerekómemuásara supé
oré ñyrõ jabé
Oré moárúkarumé jepé *tentação* pupé
Ore pisyrote jepé mbaé aíba suí
Amém, Jesús!

Nosso Pai que estás no céu
Santificado seja teu nome
Venha o teu reino!
Faça-se tua vontade
na terra como se faz no céu
a comida nossa de cada dia
dá hoje a nós
Tu nos perdoa de nossos pecados
como aos que nos ofenderam
nós perdoamos
Tu não nos deixes cair em tentação,
Mas livra-nos tu das coisas más
Amém, Jesus!

Guarani Antigo²⁴

Orerúba, íbápe ereíbae
Imboyerobiá ripíra mō Nderéra toyco
Tou ndeecomārān gatúorébe.
Nderemimbotára, Tiyarê
íbipe íbápe yyâyâyâbê
Orerembiú
Ara ñabõguára,
Emeê
Emeê coára pípe orébe.
Ndeñyrõ Oreyñāngai pábae upê
Orébe mārāhuru pê
Oréñyrõ nūngá.
Hacorepo eyárimé
Toremboá imégan oaipá.
Orepiçyrõ epécatú,
Mbae pochĩ guí.
Amen Iefus.

Padre nuestro que eftas en los Cielos
Santificado sea el tu nombre
Venga à nos el tu Reyno
Hagafe tu voluntad
Afsi en la tierra, como en el Cielo.
El pan nuestro
De cada dia
Dá
Danoslo oy
Y perdonamos nueftras deudas,
Afsi como nofotros
Perdonamos
A nueftros deudores.
Y no nos dexes caer
En la tentacion,
Mas libranos de mal.
Amen Iefus.

6 GLOSAS INTELINARES:

TUPI ANTIGO

ore rúb, ybákype tekoár

ore	r-	-úb	ybáky	pe	t-	-eko	-ár
1PE.INATIV	Rel	pai	céu	POSP-LOC	OPT	viver	NMLZ

'Nosso pai que no céu vive'

²⁴ Transliteração do Guaraní Paraguai: "Ore rúva, yvápe ereíva'e. Imbojeroviaripýramo Nde réra toiko. Tou nde reko marñatu oréve. Nde remimbotára, tijaje yvýpy yvápe ijaje jave. Ore rembi'u ara ñavo guára, eme'ê ko'ára pype oréve. Nde ñyrõ nunga. Ha'e ore poejáryme torembo'a'ÿme angaipá ore pisyro epe katu, Mba'e pochỹguí. *Amém Jesús* (Montoya, 2011 [1640], p. 50).

imoetepýramo nde réra toikó

i-	mo-	eté	pýra	-mo	nde-	r-	-éra	to-	-iko
OB. GEN.	CAUS	SUP	PTCP	OPT	2SG.INATIV.	REL	nome	OPT	ser

‘Teu nome (ele) seja feito verdadeiro (santificado)’

Toúr nde reino

to-	-ú	nde-	reino
OPT	vir	2SG.INATIV.	

‘que venha o teu reino’

Toñemoñáng nde remimotára ybýpe

to-	ñe-	mo-	-ñang	nde-	remimotára ²⁵	yby	pe
OPT	REFL	CAUS	cumprir	2SG.INATIV.	a coisa desejada (vontade)	terra	

POSP-LOC
‘que seja feita a tua vontade na terra’

ybákype iñemoñánga jabé²⁶

ybáky	pe	iñe-	-moñang	-a	jabé
céu	POSP-LOC	3SG.INATIV	fazer	NMLZ	igualmente

‘no céu seja feita também’

Oré remiú ára jabiõnduára

Ore-	r-	emiú	ára	iabiõn	ára
1PE.INATIV	REL	comida	dia	cada	dia

‘nossa comida de cada dia’

Eimeéng korý orébe

e-	i-	-meéng	korý	oré	-be
IMP	OB. GEN.	dar	hoje	1PE.INATIV	DAT

‘o dê hoje para nós’

Nde ñyrõ ore angaipába resé orébe

nde-	-ñyrõ	ore-	angai ²⁷	páb	a	resé	oré	-be
2SG.INATIV.	perdoar	1PE.INATIV	erro	COMPL	NMLZ	OBL		1PE.INATIV

DAT
‘teu perdão a todos os nossos erros (pecados) nos dê’

Oré rerekómemuására supé oré ñyrõ jabé

Ore-	r-	-erekó	memuá sára	supé	ore	ñyrõ-	iabé
------	----	--------	------------	------	-----	-------	------

²⁵ Segundo Barbosa (1956, p. 277), “Como t-e-mí é participio de objeto direto, para seu correto emprego é mister conhecer bem a regência do verbo tupi (n. 767). No tupi colonial encontram-se inexatamente traduzidas, por vèzes, as palavras e frases formadas com t-e-mi-: t-e-mi-mborará, sofrimento, t-e-mi-mbotara: vontade. A versão precisa é concreta, não abstrata; objetiva, não subjetiva: “a cousa sofrida” “a cousa desejada”. Chamorro, no dicionário Guaraní Kaiowá, apresenta o lexema da seguinte forma: “tembi-pref. [r-, h-, gw-, t-] t- + -embi ‘que, quem’, var. temi-, 1. que, quem [indica a) o que é realizado pela ação do verbo que lhe segue, como em tembiapo ‘o que é feito’, ou b) sobre quem recai a ação desse verbo, como em *temimbo* ‘e quem é’” (Chamorro, 2022, p. 511). Assim, o lexema tembi’u < {t} ‘posse absoluta’ + {-embi} ‘participio’ + {-u} ‘comer’, geralmente traduzido como ‘comida’, nas orações, usado para o trecho ‘o pão nosso de cada dia’, expressa, na verdade, ‘coisa feita comida’.

²⁶ “Igualdade: Ao termo de comparação pospõe-se iá-bé ou também iá, iá-bé-nhéẽ, iá-katu, iá-katu-nhé “como, quanto, da mesma maneira que”: xe iá-bé s-eburusu: é tão grande quanto eu; nde r-aiyra i marangatu-eté, xe r-aiyra iá-bé: tua filha é tão boa quanto a minha’ (Barbosa, 1956, p. 84).

²⁷ Angai: também ‘mau’, ‘ruim’.

1PE.INATIV REL ser, estar mau, mal NMLZ.OR DAT1PE perdoar EQU
'como perdoamos os que são maus conosco'

Ore moárúkarumé jepé tentação pupé

Ore moár uka umé íepe *tentação* pupé
1PE.INATIV cair CAUS.TR NEG CONJ.CONSPOSP-LOC
'não nos deixe cair em tentação'

ore p̄syrō te jepé mbaé aiba suí

Ore p̄syrō te íepé mbaé aiba suí
1PE.INATIV livrar INTS CONJ.CONSPOSP-LOC
'mas nos livra do que é mal'

Amém, Jesú!

Guarani Antigo

Orerúba, íbápe ereíbae

ore r- -úb a íbá pe ere- -í ba'e
1PE.INATIV. Rel pai NMLZ céu POSP-LOC 2SG.ATIV. estar NMLZ. OR.
'Nosso pai (que) no céu está'

Imboyerobiá rip̄ra mō nderéra toycó

i- mbo- yerobiá rip̄ra -mō nde- r- -éra t- o- -
iko
3 CAUS crer PTCP OPT 2SG.INAC. REL nome OPT 3SG. ATIV ser
'Que teu nome seja feito santificado'

Tou ndecomarân gatúorébe

to- nde- eco mārāngatu oré -be
OPT 2SG.INATIV. vida santo 1PE.INATIV DAT
'que venha a tua vida santa (o teu reino) para nós'

Nderemĩbotára

Nde- remĩbotara
2SG.INATIV. a coisa desejada (vontade)
'que seja feita tua vontade'

Tiyayê íb̄pe íbápe yyáyêyábē

t- iy- -ayê íb̄ pe íbá pe yyáyê yábē
OPT REFL cumprir terra POSP-LOC céu POSP-LOC cumprir EQU
'que se cumpra assim na terra como no céu'

Ore rembiú ara ñábōguára

Ore r- embiú ára ñábō guára
1PE REL comida dia cada LOC
'nossa comida de cada dia'

Emeẽ coára p̄pe orébe

e- -meẽ co ára p̄pe oré -be
2SG.ATIV. dar DEM dia POSP.LOC 1PE DAT
'dê neste dia para nós'

Ndeñȳrō oreyñāngai pábae upê

nde- -ñȳrō ore- yñāngai pá ba'e upê
2SG.INAT. perdoar 1PE erro COMPL NMLZ.OR. POSP.LOC
'teu perdão aos nossos pecados'

TA	mbaé aíba	‘o que é mal’	Barbosa (1967, p. 24)
GU	mbaé pochĩ		Montoya (1639, p. 312)

Fonte: elaboração própria

Como na primeira oração do catecismo, observamos a proximidade lexical e, também, as diferentes estratégias utilizadas na elaboração lexical, seja pela manutenção de termos da língua original, seja pela criação dos neologismos. Na elaboração do termo para ‘santificado’ observamos diferentes estratégias adotadas pelos jesuítas: enquanto Anchieta usou o termo *imoetepýramo*, Montoya utilizou *imboyerobiã* (escrita atual: *imbojerovia*).

imoetepýramo nde réra toikó (TA)

i-	mo-	eté	pýra	-mo ³⁰	nde-	r-	-éra	to-	-iko
OB. GEN.	CAUS	SUP	PTCP	OPT	2SG.INATIV.	REL	nome	OPT	ser

‘Teu nome (ele) seja feito verdadeiro (santificado)’

Imboyerobiã ripĩra mō nderéra toycó (GA)

i-	mbo-	-yerobiã	ripĩra	-mō	nde-	r-	-éra	t-	o-	-	
iko	3	CAUS	crer	PTCP	OPT	2SG.INAC.	REL	nome	OPT	3SG.ATIV	ser

‘Que teu nome seja feito santificado’

No termo usado por Anchieta, *imoetepýramo* (i- + mo- + **eté** + pýra + -mo), o radical central é o qualificador *eté* ‘verdadeiro’, apresentado da seguinte forma por Barbosa, 1956, p. 83): “Aos substantivos *eté* dá o sentido de valor, preciosidade, genuinidade, grandeza: *abá-eté*: homem de valor, honrado; *îgûar-eté*: onça legítima, grande; *kaá-eté*: mata virgem; *yby-eté*: terra firme; *y-eté*: água boa”. Sobre *pyra*, Barbosa (1956) o descreve como uma forma de participio passivo, de agente indeterminado, o paciente da ação verbal, traduzido pelo participio passado:

Como *pyra* é participio de objeto direto, para seu correto emprego importa conhecer bem a regência do verbo tupi, nem sempre igual à portuguesa. Assim *i mbo-é-pyra* "o ensinado", *i pûai-pyra* "o mandado" se referem sempre à pessoa que recebe o ensino ou a ordem, nunca à coisa que se ensina ou manda, pois *mbo-é* e *pûai* exigem complemento direto de pessoa e indireto de causa (BARBOSA, 1956, p. 254, 268, 270).

Montoya (2011[1640]), por sua vez, lança mão do termo *yerovia*: *imboyerobiã* (i- ‘3a pessoa’ + mbo- ‘causativo’ + *jerovia* ‘crer’, ‘acreditar’), seguido igualmente de um modalizador de participio (*ripĩra*), o que nos dá o sentido de ‘o acreditado’.

Outra distinção nos catecismos se vê na tradução da palavra ‘reino’. Enquanto Anchieta utilizou o termo da língua portuguesa, sem traduzi-lo, Montoya (2011[1640]) usou o termo *marãngatu*, cujos sentidos são também apresentados por ele no *Tesoro de la Lengua Guarani* (2011 [1639], p. 299) como: “virtude, proveito, bondade, honra”.

Toú nde reino (TA)

to-	-ú	nde-	reino
OPT	vir	2SG.INATIV.	

³⁰ “Optativo: Forma-se do indicativo, seguido de uma das partículas: -mo mã -te-mo mã, mẽ mã, beĩ mã, mẽ-mo mã, beĩ-mo mã” (Barbosa, 1956, p. 337).

‘que venha o teu reino’

Tou ndecomārān gatúorébe (GA)

to-	nde-	eco	mārāngatu	oré	-be
OPT	2SG.INATIV.	vida	santo	1PE.INATIV	DAT

‘que venha a tua vida santa (o teu reino) para nós’

Interessante observar que este sentido não é reconhecido por alguns Mbyá com os quais verificamos o termo. O sentido utilizado por Montoya, no entanto, pode ser atestado, no Guarani-Kaiowá (Cf. Chamorro, 2022, p. 326), o que demonstra mais um dado de variação dialetal, explicado pela história e localização geográfica das reduções nas quais o padre atuou.

Para o trecho ‘seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu’, os jesuítas fizeram uso de lexemas verbais distintos. Anchieta utilizou *-moñang* ‘fazer’ (cf. Barbosa, 1956 e Montoya, o verbo *-ayé* ‘cumprir’ (cf. Montoya, 2011 [1639], p. 19).

Tiyayê ibípe ibápe yyâyêyâbê (GA)

t-	iy-	<u>-ayê</u>	ibĩ	pe	ibá	pe	yyâyê	yâbê
OPT	REFL	<u>cumprir</u>	terra	POSP-LOC	céu	POSP-LOC	cumprir	EQU

‘que se cumpra assim na terra como no céu’

ybýpe ybákype inemoñanga jabé (TA)

yby	pe	ybáky	pe	<u>iñe-</u>	<u>-moñang</u>	-a	jabé
terra	POSP-LOC	céu	POSP-LOC	REFL	<u>fazer</u>	NMLZ	EQU

‘seja feita assim na terra como no céu’

Embora distintos, os dois lexemas selecionados são presos. Para o Guarani, foi usado o prefixo {iy(e)-}, contemporaneamente escrito como <je->, e para o Tupi, {iñe-}, ambos, com a função reflexiva³¹. A escrita dos jesuítas revela a alternância do prefixo conforme o contexto: *íje* ~ *iñe*, o primeiro em contexto oral (no Guarani) e o segundo, em contexto nasal (no Tupi) – resultado do espalhamento da nasalidade, já discutido acima. O grafema <y> foi utilizado por Montoya para representar um fonema que contemporaneamente é africada palatal [dʝ] no Guarani, geralmente grafado como <j>, não apenas no Brasil, mas também no Paraguai, por isso a escrita atualizada em formas como *íjaje* (ver nota de rodapé nº 22).

Importante compreender a não realização da vogal final [e], do morfema oral {iye-}, na forma Guarani *iyayé*. Nesse caso, o referido morfema perdeu a vogal final [e] por uma regra fonotática, que restringe o encontro de duas vogais (*íje* + *ayé*). Abaixo, o uso do morfema reflexivo no Guarani-Mbyá contemporâneo, contrastando ambientes orais e nasais:

- | | | | | | | |
|-----|---|----------|----------|-------------|--|---------------|
| (1) | okê | o- | | je- | | -pea |
| | porta | 3SG.ATIV | | REFL | | abrir |
| | ‘a porta se abriu’ | | | | | |
| (2) | kunha | -gue | o- | nhe- | | -mbo’e |
| | mulher | PL | 3SG.ATIV | REFL | | ensinar |
| | ‘as mulheres aprendem (e/ou ensinam) a si mesmas’ | | | | | |

³¹ Acompanhamos a análise de Estigarribia (2017, p. 47) para a língua Guarani, que interpreta o prefixo je- ~ ñe- com funções para as formas reflexivas e passivas.

Outra distinção estratégica foi a manutenção da palavra ‘*tentação*’, por Anchieta, no trecho: “não nos deixes cair em *tentação*” e o uso da expressão *toremboá imégan oaijá*, por Montoya, para o mesmo trecho:

Oré moárúkárumé íepé *tentação* pupé (TA)

Ore	moár	uka	umé	íepe	<i>tentação</i>	pupé
1PE.INATIV	cair	CAUS.TR	NEG	CONJ.CON		POSP.LOC

‘não nos deixe cair em *tentação*’

Haeorepo eyârímé (GA)

Hae	ore-	-poeyâ	r-	imé
E	1PE.INATIV.	desamparo	REL	POSP.LOC

‘e em nosso desamparo’

toremboá imégan oaijá

to-	re-	-mbo	-‘a	imé
OPT	2SG. ATIV.	CAUS	cair	POSP.LOC

‘não nos deixe cair no pecado (*tentação*)’

A expressão utilizada por Montoya, *imégan oaijá*, é reescrita, na transliteração para o Guarani do Paraguai, como *torembo’a’yme ngaijá* (Montoya, 2011 [1640], p. 50), o que nos ajuda a ver com maior clareza o radical já utilizado para pecado, *ngaijá*, também, pelo padre Anchieta. Ou seja, enquanto Anchieta manteve o termo em português, Montoya optou por criar uma expressão, ‘não cair no pecado (*tentação*)’.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu mostrar as estratégias utilizadas na elaboração lexical dos catecismos jesuítas para o Tupi e o Guarani antigos. Demonstramos as similaridades entre as duas línguas e, por meio das comparações, comprovou-se a grande aproximação entre elas, com fenômenos linguísticos percebidos e descritos pelos jesuítas, sendo alguns deles confirmados em variedades do Guarani contemporâneo.

A comparação específica entre o Guarani Antigo e o Guarani contemporâneo falado no Brasil revelou possíveis dados de variação e mudança linguística. Foram observadas, ainda, diferentes estratégias linguísticas utilizadas pelos padres, bem como a apropriação e ressignificação de conceitos culturais, como no uso do termo *Tupã*, ressignificado como Jesus, o filho. Na elaboração dos catecismos, Anchieta, 1990 [1595]) manteve termos da língua europeia, enquanto Montoya (2011[1640]) optou por elaborá-los na língua indígena. Esperamos, com essas ideias, contribuir com os estudos lexicais das línguas indígenas brasileiras, além de inspirar estudos da Linguística Histórica e, também, da Sociolinguística, considerando sempre a relação língua e sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABA/ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 1957, Salvador. *Anais da IIª Reunião Brasileira de Antropologia* [...]. Salvador: S. A. Artes Gráficas, 1957. Disponível em: <<http://www.aba.abant.org.br/conteudo/ANAIS/conteudo-967268>>. Acesso em: 09 abr. 2024.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

- ANCHIETA, José de, Pe. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Edição fac-similar. Apresentação: Carlos Drummond; aditamentos: Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Edições Loyola, 1990 [1595]. 232 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/artedegrammatic00anchgoog>>. Acesso em: 03 maio 2024.
- _____. *Doutrina Cristã*. Tomo I: Catecismo Brasileiro. Introdução, tradução e notas: Pe Armando Cardoso, SJ. São Paulo: Ed. Loyola, 1992 [1686].
- BARBOSA, A. L. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- _____. *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.
- BICKEL, Balthasar; COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Martin. *The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-glosses morpheme*. Leipzig: University of Leipzig, Max Planck Institute for evolutionary Anthropology. Department of Linguistics, 2015. Disponível em: <<https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>>. Acesso em: 05 maio 2024.
- BORGES, Luiz C. *A fala instituinte do discurso mítico Guarani Mbyá*. 1998. 375 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <<https://www.cpei.ifch.unicamp.br/biblioteca/fala-instituinte-do-discurso-mitico-guarani-mbya>>. Acesso em: 06 maio 2024.
- CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Assunción: Fundación León Cadogan, CEADUC-CEPAG, 1997 [1959].
- CARDOSO, Armando, Pe. Introdução Histórico-Literária. In: ANCHIETA, José de, Pe. *Doutrina Cristã*. Tomo I: Catecismo Brasileiro. Introdução, tradução e notas: Pe. Armando Cardoso, SJ. São Paulo: Ed. Loyola, 1992 [1618], p. 17-44.
- CERNO, L. *El Guarani Correntino: fonologia, gramática, textos*. Frankfurt: Peter Lang, 2013.
- CHAMORRO, Graciela. Antonio Ruiz de Montoya: promotor y defensor de lenguas y pueblos indígenas. *História Unisinos*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 252-260, mai/ago. 2007. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5905/3090>>. Acesso em: 05 maio 2024.
- _____. *Dicionário kaioiwá-português*. Colaboração: Ana Suely Arruda Câmara Cabral, Andérbio Márcio Silva Martins, Jorge Domingues Lopes. Ilustrações por Misael Conciánza Jorge. Belo Horizonte: Javali, 2022.
- COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. *Apyngwa Rupygwa: nasalização em Nhandewa-Guarani*. 2007. 147 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/402302>>. Acesso em: 05 maio 2024.
- DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: VOLKER, N. & DIETRICH, W. (Orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-25.
- ESTIGARRIBIA, Bruno. A Grammar Sketch of Paraguayan Guarani. In: Estigarribia, Bruno; PINTA, Justín (Eds.). *Guarani Linguistics in the 21st Century*. Leiden, Boston: Brill Publishers, 2017, p. 7-85.
- IVO, Ivana Pereira. *Características fonéticas e fonologia do Guarani no Brasil*. 2018. 293 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1090892>>. Acesso em: 05 maio 2024.
- LADEIRA, Maria Inês. *Espaço geográfico Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso*. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: EDUSP, 2008.
- MELIÁ, Bartomeu. *La lengua Guaraní del Paraguay: Historia, sociedad y literatura*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

- _____. *La lengua Guaraní en el Paraguay colonial: la creación de un lenguaje cristiano en las Reducciones de los Guaraníes en el Paraguay*. Asunción: CEPAG, 2003.
- _____. Um Catecismo Bilingue. In: MONTOYA, Antonio Ruiz de. SJ. *Catecismo de la Lengua Guaraní*. Introducción y notas por Bartomeu Melià, s.j. Transliteración del texto Guaraní: Bartomeu Melià, s.j. y Angélica Otazú. Centros de Estudios Paraguayos Antonio Guash: Assunción de Paraguay, 2011.
- MONTEIRO, Livia Nascimento. História da Astronomia Guarani: as obras do padre jesuíta António Ruiz de Montoya e a tradução da cosmologia Guarani no século XVII. *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo, 2012, v.1, p.1634-1646. Disponível em: <<https://www.13snhct.sbhct.org.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 04 maio 2024.
- MONTOYA, Antonio Ruiz. *Catecismo de la Lengua Guaraní*. Madrid: Por Diego Diaz de la Carrera, 1640. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4392>>. Acesso em 15 set. 2024.
- _____. *Catecismo de la Lengua Guaraní*. Introducción y nota por Bartomeu Melià S, J. Transliteración del texto guaraní: Bartomeu Melià S, J y Angélica Otazú. Asunción del Paraguay: CEPAG, 2011 (1640).
- _____. *Tesoro de la Lengua Guaraní*. Introducción y notas por Bartomeu Melià S, J., Transcripción y transliteración por Antonio Caballos. Asunción del Paraguay: CEPAG, 2011 [1639].
- _____. *Vocabulario de la Lengua Guaraní*. Transcripción y transliteración por Antonio Caballos, introducción por Bartomeu Melià S, J. Asunción del Paraguay: CEPAG, 2011 [1640].
- PIERRI, Daniel Calazans. *O perecível e o imperecível: reflexões Guarani-Mbyá sobre a existência*. São Paulo: Elefante, 2018.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Muitas línguas, uma língua: A trajetória do português brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1995].
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Classification of Tupi-Guarani. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A.S.A. (Orgs.) *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 167-172, dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/issue/view/369>>. Acesso em: 06 maio 2024.
- _____. *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A.S.A. (Orgs.) *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 233-251, dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/issue/view/369>>. Acesso em: 06 maio 2024.
- SILVA, Darci da. *Nhemomgarat: rituais de batismo Mbyá Guarani*. 2020, 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204661>>. Acesso em: 06 maio 2024.